

Uma complexa interação que molda dois sistemas político-democráticos: leitura do “jogo estatal” no Brasil e no México

A complex interaction that moves two political-democratic systems: reading the “state game” in Brazil and Mexico

Ramiro FERREIRA DE FREITAS*

RESUMO: Os dois países de economia mais próspera da América Latina têm muito em comum. São Estados em desenvolvimento que ostentam um modelo governamental e econômico que pretende levar em conta os princípios democráticos e liberais nos aspectos econômicos, políticos e sociais. A investigação que ora se empreende tem por objetivo investigar as tensas relações entre os interesses pós-globalização, de integração e cooperação entre Brasil e México nas últimas décadas. Concentrar-se-á o trabalho nas transformações historicamente vivenciadas, sem haver negligência quanto ao rico intercâmbio cultural assinalável nos laços fortes que unem as nações amigas. Através de verificação bibliográfica, foi constatado que inexistente referencial bastante sobre o tema que, sem embargo, representa significativo avanço nos diálogos bilaterais. Espera-se que a redação do artigo sirva de incentivo à ampliação dos estudos sobre a temática, erigindo, inclusive, outras visões para além do tradicional nível político-estrutural.

* Bacharel, especialista em Direito das Famílias, pós-graduando em Direito Constitucional e mestrando em Educação pela Universidade Regional do Cariri – URCA (Crato-CE, Brasil). Advogado inscrito na OAB-CE sob nº de registro 38.063. Email: <ramiroferreira91@gmail.com>. Fecha de recepción: 30/04/2018. Fecha de aprobación: 31/08/2018.

PALAVRAS-CHAVE: economia; globalização; democracia; Brasil; México.

ABSTRACT: The two most prosperous economies in Latin America have much in common. They are developing states that have a governmental and economic model that intends to take into account the democratic and liberal principles in the economic, political and social aspects. The present research aims to investigate the tense relations between post-globalization, integration and cooperation interests between Brazil and Mexico in the last decades. Work will be concentrated on the transformations historically experienced, without neglecting the rich cultural exchange that can be observed in the strong ties that unite the friendly nations. Through bibliographical verification, it was verified that there is not a vast bibliography on the subject, which nevertheless represents a significant advance in the binational dialogues. It is hoped that the wording of the article will serve as an incentive for the expansion of studies on the subject, including other visions beyond the traditional political-structural level.

KEYWORDS: Economy; globalization; democracy; Brazil; Mexico.

I. PRIMEIRAS ANOTAÇÕES

Quando as fronteiras ficam menores e o mundo torna-se uma “aldeia”, discutir relações internacionais parece lugar-comum, mas não é tão simples assim. Os países têm fortes laços –diplomáticos, culturais, sentimentais– e o interesse pelo “outro” é desde há muito prolatado nas creditações e no vínculo que às vezes une e noutros momentos separa nacionalidades.

Este breve ensaio tem por missão divulgar facetas histórico-político-econômicas nem sempre mencionadas em textos jurídicos: a forma e os limites dos (des)encontros entre Brasil e México. Ver-se-á que subsistiram, ao longo dos tempos, semelhanças e divergências, proximidades e controvérsias. Concentrada é a análise no lapso temporal do século XX e início do XIX.

Primeiro, fora estipulada linha de raciocínio segundo a qual os arranjos estruturais são moldes nos quais, durante momentos específicos, brasileiros e mexicanos estiveram inseridos. Logo após, a identidade reivindicada (de “países emergentes”, “repúblicas em desenvolvimento” ou “potências regionais”) revela suas nuances caóticas, todavia dignas de nota, pois as instituições presentes, tanto na América do Norte quanto na do Sul são típicos elementos organizacionais de tradição colonizada latino-americana. Os tópicos seguintes, derradeira parte deste empreendimento, versam, respectivamente, sobre os hodiernos paradoxos que gravitam em torno dos interesses binacionais (ou unilaterais) e a prognosticada visão futurista, no contexto integrador latino-americano.

II. UMA QUESTÃO DE FORMATAÇÃO HISTÓRICA: POLÍTICA, ECONOMIA E COMPLEXIDADE ESTRUTURAL DO SÉCULO XIX EM BRASIL E MÉXICO

A história das nações latino-americanas, uma luta anticolonial, não foi uniformizada pelos elementos característicos da “identi-

dade” continental. As repúblicas, outrora propriedade espanhola, divergiam quanto à escolha brasileira de ser um império monárquico tendencioso, próximo à Europa¹. Consequência lógica desse clima tenso, relações exteriores emergirão como o laço amistoso a unificar ideais mais ou menos revolucionários. Porém, os belicosos lugares de fala nacionais recém-inaugurados (os termos restavam confusos, conforme provam os debates sobre Equador, Província Cisplatina –hoje Uruguai– e Bolívia, “invenção” bolivariana com escopo de pacificar Chile e Peru) frustram, durante a primeira metade dos anos 1800, quaisquer efetivas integrações. Além disso, o poderio inglês, controlador em grande medida dos fluxos econômicos nas Américas e a resistência brasileira antiabolicionista suprimem aproximação governamental com diplomatas acreditados.

Entre a declaração de liberdade e autonomia, em 1822, o curto reinado de D. Pedro I, a fase regencial e o longo governo Pedro II, praticamente não avançaram as negociações em prol de tratativas econômicas, culturais ou políticas no quesito diplomático Brasil-México, uma vez que a) o isolamento do primeiro, no Sul de língua espanhola era sintomático retrato da influência a ser exercida pelos Estados Unidos –graças, mormente, à cafeicultura– e b) o México enfrentava beligerância excessiva, crises financeiras e mudanças governamentais bruscas, tendentes à separação do Texas e instabilidade norte-americana. Somente a consolidação “democrática” imperial (frágil, pois hierarquizada na ingerência franco-tesca) não bastaria para melhorar a situação.

¹ A situação é destacada por Guillermo Palacios na obra *Intimidades, Conflitos e Reconciliações* (México/São Paulo: Secretaria de Relaciones Exteriores/ Editora da Universidade de São Paulo, 2008, pp. 24 e segs), mostrando que o fato de, em linha oposta às batalhas, o ex-território português na América do Sul constituir-se independente, causava desconfiança nos jovens países vizinhos. Uma tentativa restauracionista, na qual o Brasil poderia vir a ser “ponta de lança”, jamais fora ignorada até a consolidação patriótica e o redesenho do mapa latino-americano (segunda metade do século XIX).

Uma complexa interação que molda dois sistemas político-democráticos...

Maximiliano, então governante da nação asteca, administrava sem legitimidade, na posição “estrangeira” de líder posticho². As vontades de ordem e progresso são, vale a ênfase, invocadas como apreciável sensibilidade constitucional³ interpretada como sinal amistoso entre os parentes –pois Bragança e Hamburgo eram famílias de linhagens cruzadas, segundo o costume dos verdadeiros tronos europeus– no mesmo passo formal dispensado pelo arqueduke austríaco às designações de representantes diplomáticos que, em vão, tentavam receber caloroso apoio. O trono asteca e a soberania de Veracruz seriam constantemente ameaçadas pelo expansionismo dos EUA e pelas fragilidades republicanas no âmbito estrutural (como ver-se-á adiante).

Consequência das instabilidades, o segundo império mexicano (e seu análogo brasileiro) não permaneceriam. Os últimos gestos de libertação escrava, no Brasil (a princesa Isabel Cristina Leopoldina notabilizou-se ao firmar uma “Lei Áurea”) e a deposição do monarca estrangeiro, nas terras astecas, justificaram um efêmero golpe militar para o Rio de Janeiro, operado por Deodoro da Fonseca, marechal proeminente, no Sul e, em franca divergência, o *porfiriato* (encabeçado por Porfirio Díaz), na parte norte do continente. Apesar de os fatos não serem correlatos imediatamente, incidem nas qualidades similares que a ruptura política apresentou, mesmo sendo notório o peculiar esforço transicional entre regimes autoritários e novas formações institucionais civis-militares. As dificuldades internas, os caóticos temores monarquistas de resgate e a dúctil identidade nacional são rotas características do período 1890-1910. A América Latina estava

² As *Memórias*, com tradução ao espanhol publicada em 1869, esboçam visão benigna do papel brasileiro como potência regional e relatam as duas ocasiões nas quais o monarca visitou o tropical e florestal Estado do Sul. Cfr. MAXIMILIANO, Imperador do México, *Recuerdos de mi vida: memorias de Maximiliano*, México, F. Escalante, 1869, tomo I e II.

³ “[...] el precepto que Maximiliano queria que fuese el fundamental de la del Brasil: “Todos los hombres nacen libres en un pueblo libre”. MAXIMILIANO, *op. cit.*, tomo 1, pp. XVI e XVII.

aplaudindo seus dois grandes focos mercantis e principais atores no cenário global⁴.

Longe de suplantar facções, a modificação institucional dividiu setores importantes do meio social. Tanto é assim, que só houve retomada dos contatos diplomáticos e troca de plenipotenciários entre a gestão carioca e o gabinete mexicano após 1890. As duas pátrias não estavam dispostas à proximidade e mostravam-se cautelosas, reconhecendo a necessidade de “conhecimento do outro” segundo suas legítimas intenções no longo prazo.

O jogo de interesses, convulsões e querelas não abandonaria os foros estatais, antes persistiria, sem embargo, até a metade de século posterior a 1900-1910,⁵ quando o mundo viveria o horror em duas guerras mundiais, uma crise sem precedentes (1929 e anos 1930) e a América veria crescer o imperialismo do Norte.⁶

⁴ Dados biográficos de D. Pedro II, bem como notícias fundamentais e um extenso relato crítico do período estão presentes em SCHWARCZ, Lilia Mortiz, *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos 2*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

⁵ Encontros e desencontros marcaram as curtas viagens dos plenipotenciários e negociantes em ambos países. Circunstâncias como, por exemplo, falta de recursos financeiros, levaram o México a encerrar sua missão no Brasil e este, por “reciprocidade”, faria o mesmo (já segunda vez) em fevereiro de 1896. (PALACIOS, Guillermo, *Intimidades, conflitos e reconciliações: México e Brasil (1822-1993)*, México/São Paulo, Secretaria de Relaciones Exteriores/Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 91) Além disso, tensões no Cone Sul (fronteiriças e mercantis) não havia permitido chegar à harmonia desejável para o momento integrador continental sonhado há muito em mentalidades inspiradas, como Bolívar e seus discípulos.

⁶ Assim começa o livro de CASSIRER, Ernst, *El mito del estado*, México, FCE, 2004, p. 7: “Nos trinta anos que passaram, entre as duas guerras mundiais, não apenas temos enfrentado uma grave crise política e social, mas, também, enfrentamos novos problemas teóricos. [...] Surgiram novas questões e novas respostas foram dadas”.

III. DUAS POTÊNCIAS EMERGENTES

Já sob a égide metropolitana de Portugal e Espanha, o território latino-americano era “coordenado” por áreas que gozavam, pela situação geográfica, de certo prestígio. As elites locais tentavam posicionar-se como “vice-governantes” ou representantes das Cortes europeias em Novo Mundo. Com a proclamação (ou indução) das repúblicas (tardamente para Brasil e México), acentuou-se a visão de tais pátrias como guardiãs de sentimentos e relevância na produção de um mapa estratégico pan-americano. Obviamente, é temerário falar em hegemonia, no entanto, sucessivos reconhecimentos supragovernamentais e confissões ministeriais das “nações irmãs” ilustram bem a esperança depositada nos dois emergentes que, ao lado da Argentina, encabeçavam aproximações e cisões no tabuleiro internacional graças à liderança que aparentavam mediante negociações econômicas (exportação de matérias-primas), diplomáticas (embaixadas e missões constantemente firmadas em Washington, Londres, Paris, etc) e militares (a espada do Exército e as esquadras faziam a imprensa local traçar suposições armamentistas).

Os países vizinhos do oeste sul-americano e da América Central –que julgava possível uma coalizão federalista: República Maior do estreito entre Panamá e Guatemala– suspeitavam do patrocínio oferecido, pelos EUA, à conversa entre Brasil e México, respectivamente. Os noticiosos informativos eram ácidos, desaconselhavam o que entendiam ser uma ameaça à soberania pluralista, nota condicional da multifacetada arena fragmentária observada nos regimes instituídos à época.⁷

Turbulências pairavam sobre os ventos revolucionários que abriam suas asas sobre um tempo de instabilidades. Assume o poder, com a crise mexicana de 1911-1913 e suas decorrências, o general Victoriano Huerta, quem derrubara seu antecessor e conduziu à inflamada “guerra de intenções” os grupos políticos em

⁷ PALACIOS, Guillermo, *op. cit.*, pp. 121-122.

ascensão. A presidência durante seu curto governo (1913-1914) logrou poucos êxitos. À época, minoravam-se os efeitos esperados do lema “Ordem e Progresso”, porquanto o poderoso federalismo norte-americano e a prática alinhada com os Estados Unidos (comum a Hermes da Fonseca e Venceslau Brás, presidentes brasileiros entre 1910 e 1918 garantiam uma estabilidade fictícia (apesar da Primeira Grande Guerra na Europa) ao país atlântico.

Nota-se, logo, que, durante a fase imediatamente posterior à transição revolucionária do México, foram abaladas as relações diplomáticas com o Brasil, este relutava em assumir a legitimidade de Huerta por razões conjunturais com os EUA⁸. A subserviência própria da América Latina, reiteradamente chancelada por elites neoliberais, foi historicamente o legado de consenso forçado e intervencionismo (por mobilizações do Exército em união com grupos locais) da federação norte-americana.

O Pacto ABC (Argentina, Brasil e Chile) desempenhou função primordial na mediação do conflito entre Huerta e os rebeldes financiados por recursos e armamentos norte-americanos. Como gatilho das inevitáveis apreensões, o Brasil, em frustrada estratégia, aceitou representar os interesses dos EUA em território mexicano, atitude nociva e característica de ingerências externas nos interesses pátrios, à vista da imprensa e do povo. Diplomacia não afastou a epistemologia capitalista que, repetidas vezes, fragmentaria as boas ideias. Os contextos local, nacional e internacional impuseram a construção de duas personalidades emergentes – a brasileira (como principal força sul-americana) e a mexicana (constantemente pressionada pela cosmovisão norte e o vai-e-vem das crises e avanços econômicos). São os contrastes latino-americanos, a imigração, as matérias-primas exportadas e a função transnacional dos mercados em desenvolvimento (para não chamá-los “de Terceiro Mundo”) que reconhecem, no prota-

⁸ É de palmar sabença que a América Latina, em especial, os países dependentes do capital estrangeiro, costuma “copiar” seus fomentadores neocoloniais encabeçados pela superpotência capitalista.

Uma complexa interação que molda dois sistemas político-democráticos...

gonismo convertido em lugar privilegiado para dois lócus⁹. O que se segue é aglutinamento simbólico da controvertida “soberania em função do outro”, assemelhada à velha disputa do poder em forma de autonomia X dependência periférica timbrada nos tempos, espaços e contextos finalísticos da atual reflexão.

Dinâmicas lutas revolucionárias (revolução constitucionalista de 1932, em São Paulo) são o horizonte das racionalizações propostas entre esquerda e direita, extremada situação hegemônica de resistência democrática¹⁰. O sentir comunitário, dos povos como “irmandade” limita o arbítrio individual, territorializando representações e convertendo elementos naturais de uma região em identificadores de sua “zona de influência”. A crítica de Norberto Bobbio rompe as deliberações centralistas e românticas que fazem das negligências quanto à cultural integração apenas o primeiro rechaço do Estado. Os líderes, visando manter o controle da situação (a disputa Liberais X reacionários repercutiu no período pós-manifestações de 1910 e, “abaixo, à esquerda”, na reforma agrária e nas contra-arguições dos anos 1960, 1970 e 1980) utilitária converteram-se nos alvos da crítica democrática e nas vítimas da barbárie (desmantelamento do governo organizado – os zapa-

⁹ Segundo o FMI (Fundo Monetário Internacional), o PIB –Produto Interno Bruto– nominal do Brasil era, em 2015, 1,772,589 milhões de U\$\$\$. No mesmo ano, o México contava com um volume de riqueza correspondente a, aproximadamente, 1,144,344 milhões de U\$\$.

¹⁰ Apesar das aparências, o tom das mudanças sociais do país sul-americano não era, de todo, compatível com a “liberação popular”, ao contrário, aceitava manter nos postos o séquito de funcionários conservadores. Talvez por haver contradição acentuada politicamente e midiaticamente – fatores aliados a outras razões primárias – conflitos diplomáticos (prisão injusta de um professor universitário brasileiro na Cidade do México, a querela das pragas no café brasileiro exportado, matérias críticas sobre a condição dos governos Emilio Portes Gil (1928-1930), Ortiz Rubio (1930-1932) e Abelardo L. Rodríguez (1932-1934), publicadas pela imprensa carioca) pareciam rondar as já incipientes relações bilaterais. O convênio de 1931-32 entre os dois governos (brasileiro e mexicano) – primeiro do gênero após 100 anos de relacionamento – foi uma tímida amostra de cooperação, mas o caminho até um consenso seria tormentoso e, quiçá, bloqueado.

tistas de Chiapas são tipo ideal nesse momento¹¹, como espaços de convivência cidadã – por classes subalternas). “Os escritores democráticos sempre execraram a “falsidade” do príncipe com a mesma fúria e a mesma perseverança com que os escritores antidemocráticos têm investido contra a eloquência enganadora dos demagogos”¹²

Considera-se acertado mencionar que sujeitos de direito internacional público – na acepção criticada, embora útil à discussão de Estados soberanos – são marcados por personalidades fortes no sentido de luta por espaços hegemônicos de autoafirmação. O Brasil, isolado dos vizinhos por idioma e colonização, aproximou-se desde cedo das doutrinas pró-norte-americanismo, enquanto o México, por razões óbvias, não via com bons olhos o “imperialismo”, conforme alhures dito¹³. Consequência artificial, ríspidos e amargos transtornos nas esferas econômica, cultural e, inclusive, conjuntural (por haverem divergências sobre o conceito de integração pan-americana).

Mas a “união familiar latina, ficta não só, diga-se, pela oposição norte-americana, era –e será por longo tempo– utópica graças a movimentos internos e visões centralizadoras que contrastam e, de modo tremendamente análogo, aproximam poderes locais. As palavras a seguir, escritas tendo como molde a realidade mexicana, são explícitas no valor também para o Brasil pós-1930:

Frente al México organizado del gobierno --con su sistema presidencialista, su partido, sus uniones de trabajadoresy frente a los factores de poder, también organizados -como el ejército, la

¹¹ ALKMIN, Fábio Márcio, *Por uma geografia da autonomia: a experiência de autonomia territorial zapatista em Chiapas, México*, Dissertação Mestrado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

¹² BOBBIO, Norberto, *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

¹³ PALACIOS, Guillermo, *Intimidades, conflitos e reconciliações: México e Brasil (1822-1993)*, México/São Paulo: Secretaria de Relaciones Exteriores/ Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 216.

Uma complexa interação que molda dois sistemas político-democráticos...

Iglesia, los empresarios nacionales y extranjeros- hay un México que no está organizado políticamente.¹⁴

Gestão Vargas¹⁵, no Rio de Janeiro, responsabilizou-se por notórias mudanças de escala federal, caracterizando populismo intermediário – sem claras orientações para a esquerda ou direita, apesar de haver divergentes posições. Lázaro Cárdenas (1934-1940) seguiria¹⁶ reformando os recursos nacionais, favorecendo o movimento operário, a distribuição fundiária e a modernização fabril. É óbvio que, no caso brasileiro, o conservadorismo velava uma organização menos efetiva do desenvolvimento em evidência, que proclamava a força dos movimentos sociais. A consciência patriótica dos mexicanos garantiu, por turno inverso, a descentralização das massivas demandas, posicionando, no Estado (Poder Público) a esperança motriz do progresso “com” ordem.

Retomando o discurso colonialista, os grupos oligárquicos não mudam quando a exploração das zonas periféricas globais ocorre numa ou noutra latitude. As décadas de 1940 (marcada pela Segunda Grande Guerra, com suas trágicas consequências na Europa e a consagração bipolar – URSS X EUA), 1950 (aceleração econômica e dúvidas/dívidas públicas) e 1960 (Era do Militarismo) mantiveram nas mãos de poucos o destino de milhões, patrocinando beligerâncias e, quando necessário, celebrando tratados recheados de verniz político e concreto aderente, para gozo das 02 (duas) subclasses favorecidas:

Opera bajo un curioso sistema de control y lucha política en que los intermediarios son de dos tipos principales, los que forman parte del gobierno o de las organizaciones gubernamentales, con la ideología oficial más o menos radicalizada, y los que operan por

¹⁴ GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo, *La democracia en México*, México, Ediciones Era, 1975, p.144.

¹⁵ Presidente com estreitos vínculos fascistas e anticomunistas, mas, ironicamente, aliado dos Estados Unidos em questões militares e de reconhecimento – ou negação – da soberania na América.

¹⁶ Ou seria seguido?

su cuenta, como amigos del gobierno con actitudes ideológicas más moderadas que la extrema izquierda o la extrema derecha.¹⁷

Note-se que a “extrema direita” e a “extrema esquerda” não são, em perene rateio, pontas opostas do estádio partidário. Tanto é assim que, após a redemocratização brasileira (blindada na Carta Política de 1988), os pleitos eleitorais revelam, nas coligações, típicas “quebras” teóricas, nas quais legendas pró-socialismo e personagens eminentes da ultradireita se abraçam. Isso garante um capital simbólico baseado em votos e a manutenção deturpada da livre iniciativa sob viés democrata. Para não incorrer em leviandade, será de bom alvitre recordar que o próprio vocábulo “Democracia” é confuso no léxico e, se for interpretativamente forçado, alimenta tanto o melhor dos mundos quanto uma fachada a esconder autoritarismo, hipocrisia e maus-tratos contra o povo.¹⁸

Distante da realidade, o real integracionismo propalado pelos chefes políticos não foi concretamente levado a sério na América Latina. Embora reiteradas vezes sejam inclinados os temperamentos ao vínculo que multiplicaria os níveis de expressividade regional no globo, os confrontos e segregações – subterfúgios da colonial subversão e do neocolonialismo – funcionam como “silenciadores” da confiança. Programas governamentais manipuláveis instigaram medo e suspeita (sobre o Brasil) contra o extremo prestígio honorário (encabeçado pelos Estados Unidos Mexicanos)¹⁹. “Em suma, o caminho da integração é longo e

¹⁷ GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo, *op. cit.*, p. 153.

¹⁸ Vid HONNETH, Axel, *El derecho de la libertad: esbozo de una eticidad democrática*, Madrid, Katz Editores/Clave Intelectual, 2014 y KELSEN, Hans, *A democracia*, São Paulo, Martins Fontes, 2000.

¹⁹ O isolamento está ligado, quanto aos regimes da nação Tupi, à unidade intencionalmente formatada pelos governos positivistas conservadores que, até o momento – com poucas exceções – têm administrado Brasília (e, mesmo antes, a capital fluminense). A representatividade mexicana, na outra ponta do xadrez, é sinal do “orgulhoso” projeto anti-hegemônico que, apesar das “más” influências estadunidenses, como se noticiou (parágrafos acima), sobreviveu e

Uma complexa interação que molda dois sistemas político-democráticos...

muito árduo, e o Brasil e o México têm um papel fundamental a desempenhar nesse trajeto”²⁰. A Guerra Fria mobilizou os sistemas econômicos americanos (do sul ao norte, do leste ao oeste), alinhando-os ao capitalismo²¹. Blocos regionais coordenados (Mercosul, Nafta, Comunidade Andina) arriscam, nos anos 90 e 2000, nova forma de relacionamento íntimo (desenvolvimentista empenho diplomático) calcadas no objetivo de assegurar a soberania multinacional.

Com Celso Lafer, citado por Daniel Antiquera²²:

[...] nesta virada do século, a economia da geografia aconselha um novo enfoque para o conceito de América Latina. De fato, há de ter em conta que o México, em função de sua participação no NAFTA e a América Central e o Caribe, por obra da ação centrípeta da economia norte americana, viram o seu grau de independência com o Norte aumentar ainda mais significativamente nos últimos anos. Por esse motivo, o futuro dessa parte da América Latina está cada vez mais vinculado ao que acontece nos EUA. A América do Sul, em contraste, tem relações regionais e internacionais mais diversificadas, tanto no plano econômico como político. Este é um dado da realidade contemporânea que lhe confere uma especificidade própria no contexto da América Latina, da qual cabe extrair as apropriadas conseqüências em matéria de política externa.

Atualmente, a liquidez –no sentido negativo– das (com)vivências estratégicas entre Estados – talvez não seja bem vista para o regime globalizado de coisas. Ganhar espaço nos organismos de controle –até financeiro– é prioridade geral, confessadamente ou não, pois a interdependência acentua-se, obrigando governos (*in*

exemplificou a resistência cabível numa alternativa que, por conseguinte, “merece sofrer” para provar (e impressionar) cétricos vizinhos.

²⁰ ANTIQUERA, Daniel, “México e Brasil: dois extremos de uma ideia”, in: *Revista mediações*, vol. 10, núm. 2, jul-dez, 2005, p.31.

²¹ Guardada a socialista Cuba (pós-1959) desse viés.

²² *Ibidem*, p. 36.

casu, estruturas basilares das repúblicas centrais para o ensaio em curso) a realocarem bens e a “balancearem” (para não dizer limitarem) investimentos “pouco lucrativos”²³. Tudo pelo dinheiro em débito – ou pelo investimento alienígena²⁴.

IV. (REL)AÇÕES PARADOXAIS: DISTÂNCIAS E PROXIMIDADES ESTRUTURAIS NOS MODELOS NACIONAIS

O título desta parte do artigo fará jus, por si mesma, a uma explicação. As relações ou, simplesmente, ações que ligam os polos em vias de estudo são implícitas aos demais estados latino-americanos que se jactam ao pronunciarem suas “democracias” representativas. Formulam políticas públicas, cobram tributam e refletem modelos diferentes sob a rubrica desenvolvimentista, também promovem, graças ao lócus geográfico específico, medidas comuns, similitudes factuais nas práticas fiscais, culturais, econômicas e políticas que só fazem sentido quando observadas

²³ Em fins do século passado, pôde ser escrito, acertadamente: “Brasil e México são as duas maiores economias da América Latina, embora o PIB mexicano seja inferior à metade do PIB brasileiro. Na realidade, as duas economias possuem diversas semelhanças entre si. Em termos históricos, ambas se industrializaram com estratégias de substituição de importações desde os anos 50 até os anos 70. Estiveram no centro da crise da dívida externa no início dos anos 80. Ambas adotaram estratégias de liberalização comercial nos anos 80 e 90, embora o México tenha iniciado sua abertura econômica praticamente meia década antes do Brasil. Brasil e México também implementaram acordos regionais com diversos parceiros comerciais nos anos 90. Ambas as economias têm adotado importantes programas de desregulamentação, privatização e concessões de serviços, sobretudo nos setores de comunicação, transporte e energia”. (BATISTA, Jorge Chami, “Relações comerciais entre o Brasil e o México”, in: *Textos para discussão*, num. 710, Brasília/Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2000, p. 31. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0710.pdf> (21 agosto 2018)

²⁴ “O rótulo de “pragmatismo responsável”. foi substituído pelo de “universalismo”” (ANTIQUERA, Daniel. “México e Brasil: dois extremos de uma ideia” In: *Revista mediações*, v. 10, n. 2, pp. 25-54, 2005, p. 45)

Uma complexa interação que molda dois sistemas político-democráticos...

Ramiro FERREIRA DE FREITAS

cautelosamente, mensuradas pela lente continental do “estruturalismo” sociojurídico, que repercute tanto na teoria quanto na prática das “soluções” à esquerda ou à direita. Liberais e conservadores reclamavam suas divergências no palco caníço dos confrontos políticos. Os “caciques” (ou coronéis) mantinham burocráticos entraves à revolta democratizante.²⁵

Apesar desse “ponto em comum”, que justificam, aprioristicamente, conceber um sistema normativo continental, é extraordinário que a balança comercial de Brasil e México²⁶ não reuniam os mesmos parceiros integralmente, nem eram (apesar de os dois governos tratarem-se, reciprocamente, como “mais favorecidos”). O conservadorismo brasileiro²⁷ era arquirrival do pró-socialismo cauteloso das lideranças neorrevolucionárias.

Prognosticar fomento às “arquiteturas instituídas” das políticas econômicas mostra-se inovadora tentativa de esquadriñar os contrastes e contrapontos experimentados no campo *macro* dos mercados. Nos operativos sistemas administrados por regras intervencionistas de Estado, que, apesar da livre iniciativa, comandam o destino (fiscalização das mercadorias e alocação de gastos públicos) dos processos soberanos, reformando marcos teóricos e parcerias centradas na presença de entes internacionais (fora, pois, do “orçamento-base”) treinados na “barganha corporativa”, que proíbe excessos “populistas” na distribuição das riquezas e,

²⁵ VÁZQUEZ, Israel Molina, “Gobernanza y democracia en el México actual, asignaturas pendientes para consolidar una cultura de legalidad y de participación en el marco de la nueva gestión pública”, in: *Revista caribeña de ciencias sociales*, jun/2018. Disponível em: <<https://www.eumed.net/rev/caribe/2018/06/gobernanza-democracia-mexico.html>> (19 Julho 2018)

²⁶ Com prevalência do segundo sobre o primeiro, que, historicamente, foi um consumidor importante de petróleo e derivados.

²⁷ A legitimidade do regime autoritário de Vargas (1930-45) era questionável e reunia numerosos detratores (Prestes é deles o mais aclamado, por seu caráter intrépido e no bojo da “injusta prisão”, razão do temor que levaria militantes a buscarem refúgio na embaixada localizada na capital asteca), mas tinha sido mobiliado sobre bases populares (“demagógicas”) e por uma meticulosa confluência de interesses setoriais – a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) é dessa época –, inconciliáveis sem a ditadura (o Estado Novo).

sem precedentes (*máxime*, a era da globalização), manipula políticas públicas socialmente engajadas. O FMI (Fundo Monetário Internacional) sugere, com inegável poder gravitacional, que países em condição periférica sob a égide do capital, sigam cautelosos passos redutores, minimizando, assim, os riscos negociados nos fóruns mundiais. A interferência cognitiva/executiva (re)constrói, com atores novos, a peculiar amizade neocolonialista, vencedora das disputas logicamente circunstanciadas em guetos isolados.

Sobre a interface multinivelada e as redes de significados dos atores (sociedade, estado e civilização, além dos organismos paraestatais e multinacionais) instituídos pertencentes ao jargão democrático/burocrático, temos:

Os atores concretos se relacionam em função de um conjunto de relações diretas transcorridas nas interfaces socioestatais, por meio de arranjos institucionais determinantes dos procedimentos que ordenam tais relações em função dos resultados *pretendidos*. Além disso, eles se relacionam em função de condições estruturais de atuação definidas institucionalmente que, a princípio, definem as capacidades de ação para possíveis atores — os chamados actantes. Assim, no primeiro nível, mais concreto, por meio da noção de interface, é possível ordenar a descrição e a análise das interações entre os atores, sejam eles sociais ou estatais.²⁸

Crescimento acelerado nas últimas décadas – com geração de empregos, remessas tecnológicas e nivelamento das vulnerabilidades – manteve a economia e a alocação de recursos num lugar privilegiado. Mas, a crise capitalista e a quebra das bolsas de valores (em 2008) afetaram grandemente o círculo virtuoso outrora existente²⁹.

²⁸ LAVALLE, Adrian Gurza y Vera, Ernesto Isunza, “Arquitetura da participação e controles democráticos no Brasil e no México”, in: *Novos estudos CEBRAP*, num. 92, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n92/n92a07.pdf>> (20 agosto 2018)

²⁹ Pedindo as licenças de época e proporcionalidade, é didático traçar paralelo entre os períodos 2000-2018 e os decênios 1970-1980. Nas duas fases

Uma complexa interação que molda dois sistemas político-democráticos...

Hodiernamente, as economias emergentes dianteiras da América Latina compartilham, repita-se, trajetórias intrinsecamente dispare, porém, adaptadas à competência dos diversos aspectos de interesse em um e noutro lugar. As matérias primas e o lento processo de industrialização (que não foi gratuito, como visto acima) culminaram, entre 1990 e 2016, na forte desaceleração, reaceleração e novo *deficit*.³⁰ Há vantagens recíprocas na troca de correspondências e ambições entre os dois governos acompadrados.

Os interesses do Brasil no intercâmbio com o México são, geograficamente, devidos à proximidade e liderança deste com relação à América Central e ao Caribe, sem esquecer a larga fronteira com os EUA, pela qual rotas turísticas e comerciais são abalizadas. Por conseguinte, o México “quer” associar-se à República Federativa brasileira por várias razões, elencadas no artigo de López e Mendoza:

- 1) O Brasil é o principal mercado da América Latina;
- 2) O Brasil possui a metade, aproximadamente, da população sul-americana, com um Produto Nacional Bruto considerável;
- 3) Está entre as nove maiores economias globais e
- 4) “El liderazgo e influencia en la parte Sur podría beneficiar en gran medida la intención mexicana de acercarse a Améri-

históricas, observar-se-á “altos e baixos”. Primeiro (anos 70 e maior parte dos 2000), baixas taxas de juros e crescimento rápido e, no tempo restante, altas taxas de juros e retração produtiva. Para um trabalho pormenorizado, com equações e gráficos ilustrativos, é perspicaz a leitura de CASTELLO BRANCO, Marta de, *Brasil e México: duas experiências de ajuste estrutural*, Rio de Janeiro, PMPE/IPEA, 1993.

³⁰ Cfr. LÓPEZ, María de los Ángeles Olivera y MENDOZA, Sandra Luz Hernández, “México y Brasil como una forma de crecimiento en las últimas décadas (período 1990-2014)”, in: *Observatorio de la economía latinoamericana*, 2018. Disponível em: <<https://www.eumed.net/rev/oel/2018/08/mexico-brasil-crecimiento.html>>. (28 agosto 2018)

ca Latina y diversificar sus mercados”³¹

Desde 2014, a recessão, que teve como estopim a reeleição da impopular ex-presidente Dilma Rousseff, crescente inflação e seu impedimento posterior, com os efeitos nefastos de uma transição pouco suave e muito contestada (o atual mandatário defende reformas questionáveis e pertence a partido dirigido em desacordo com a aliança firmada durante as eleições gerais de 2010) põe em revés o cenário das conquistas infraestruturais e sociais alcançadas durante a gestão petista, agora transformadas, “da noite para o dia”, em ajuste fiscal, corte de investimentos nos serviços públicos essenciais (saúde, educação, segurança, políticas públicas tecnológicas, habitação, etc) e restrições nos direitos constitucionalmente assegurados (Constituição de 1988)³².

IV. PROGNÓSTICOS E RUMOS A TRILHAR: O FUTURO?

Movimentos políticos de extremistas conotações –direita e esquerda– certamente protagonizarão a história do século XXI. Na política do México, um diagnóstico recente é indicativo do que poderá acontecer.

O endurecimento dos discursos xenófobos (nos Estados Unidos do Norte ex-expansionistas) e a proximidade (ressurgimento do movimento pan-latinoamericano) são ingredientes propícios à retomada dos intercâmbios com olhares voltados para importantes parceiros – com reflexos bilaterais e plurilaterais (Brasil, Espanha, República Popular da China, etc):

³¹ LOPEZ E MENDOZA, *op. cit.*

³² O PT (Partido dos Trabalhadores) governou a nação atlântica de 2003 a 2016, experimentando, durante os primeiros estágios da administração, altos índices de popularidade. Os quase 14 anos da coalizão PT-PMDB e legendas menores resultaram, paradoxalmente, na melhoria da qualidade de vida dos brasileiros e no escândalo de corrupção menos honroso – “operação Lava-Jato”, reflexo e ramificação do “Mensalão”.

Uma complexa interação que molda dois sistemas político-democráticos...

Aunque no parece que México vaya a modificar sustancialmente una política exterior caracterizada en los últimos años por un proyecto nacional neoliberal que privilegia el libre comercio y la atracción de inversiones, es previsible un ajuste en la relación bilateral con Estados Unidos mientras dure la presidencia de Donald Trump. Cabe esperar que México adopte un discurso más nacionalista en defensa de los derechos humanos de sus emigrantes en EEUU, aunque sin poner en riesgo la estructura financiera y comercial dibujada en los últimos 30 años.

[...] Las alianzas con países claves (Brasil, España, China) serán importantes para negociar con la administración Trump. Además, México debe desarrollar una doble estrategia en EEUU.³³

A incerteza quanto às pautas de conciliação e aos procedimentos moderadores das diferenças permite conceber, no mínimo, três cenários admissíveis, no médio prazo, com razoáveis probabilidades de ocorrência.

³³ FLORES, Rafael, “México em el mundo: hacia un nuevo proyecto de nación”, in: *Política exterior*, vol. 32, num. 184, 2018. Disponível em: <<https://www.politicaexterior.com/articulos/politica-exterior/mexico-mundo-hacia-nuevo-proyecto-nacion/>> (28 agosto 2018)

Tabela–as relações entre Brasil e México nos anos subsequentes ao ano 2018:
 prognósticos eventuais

VISÃO OTIMISTA	VISÃO MODERADA	VISÃO RETRÓGRADA
1) Desenvolvimento da Cadeia Produtiva - Fortalecimento das interrelações econômicas, com equilíbrio mercantil – de importações e exportações.	1.2) Manutenção do corrente fluxo de negócios bilaterais, sem alterações significativas (concentração em blocos separados geopoliticamente).	1.3) Criação de novas barreiras alfandegárias e medidas protecionistas inviabilizadoras da mobilidade dos produtos, isolacionismo comercial e retrocessos na aquisição, transporte e consumo de mercadorias estrangeiras.
2) Cultura – Realização de eventos acadêmicos, mobilidade estudantil, exibição de películas nos cinemas, publicação/tradução de obras literárias (didáticas, técnicas e paradidáticas) provenientes dos dois países.	2.1) Timidez e limitações na produção conjunta de materiais sobre as realidades nacionais.	2.2) Crise intelectual marcada pela diminuição nos repasses orçamentários atribuídos aos Ministérios da Cultura e da Educação, retração dos projetos “globalizadores”, conservadorismo e censura.

Uma complexa interação que molda dois sistemas político-democráticos...

Ramiro FERREIRA DE FREITAS

<p>3) Política – Garantia dos direitos fundamentais, segurança jurídica para nativos e estrangeiros, liberdade de locomoção, consciência e expressão das opiniões.</p>	<p>3.1) Relativa ausência do Estado em questões sociais importantes, indireto cerceamento de algumas liberdades e substancial centralização do interesse parlamentar e judiciário na resolução de conflitos sobre legitimidade de condutas adotadas por servidores públicos.</p>	<p>3.2) Degeneração institucional: os novos líderes enfrentam modelos controvertidos (separação dos poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário – estremeçada), fechamento e radicalização sistêmica nos centros decisórios.</p>
<p>4) Defesa/Paz – Proteção conjunta dos bens e interesses comunitários, protagonismo na OEA (Organização dos Estados Americanos), convivência harmoniosa.</p>	<p>4.1) Fortalecimento tímido das forças armadas, violência combatida localmente, exércitos e polícias hierarquizados, dificuldades logísticas e recursos humanos deficitários.</p>	<p>4.2) Precarização das já frágeis forças combatentes, crime organizado espalhando-se, sem controle, pelas metrópoles, zona rural pouco monitorada, fronteiras terrestres e marítimas não fiscalizadas com o rigor necessário.</p>

<p>5) Sustentabilidade e inovação – No contexto transnacional científico-tecnológico, o enriquecimento deixa de corresponder à materialidade dos produtos industriais, tornando-se realidade virtual. Saber aproveitar as chances de inovação, mediante fomento à pesquisa aplicada, fará diferença entre polos “desenvolvidos” e meros satélites “subdesenvolvidos”.</p>	<p>5.1) Se o ritmo de qualificação permanecer em ritmo constante (segundo os patamares contemporâneos), os jovens dificilmente chegam ao ensino superior ou profissionalizante. Os trabalhos menos “exigentes” serão, conforme estimativas, menos lucrativos, subtraindo, ao longo do tempo, renda familiar.</p>	<p>5.2) Atraso tecnológico significará estagnação do ciclo produção-consumo-aperfeiçoamento--(re) produção. Desprezadas as necessidades ambientais e os recém-imaginados nexos cibernéticos (internet, robótica, nanomedicina, entre campos específicos por descobrir), findaria lesionada toda uma geração, que se veria privada dos benefícios digitais. Agiriam os líderes – empresariais, ministeriais e/ou docentes – como herdeiros inquisidores do passado.</p>
---	--	--

Problemas diplomáticos e escolhas separadas, diametralmente opostas, não se bastam numa ruptura dos amistosos e respeitosos laços entre povos soberanos. Assim, é salutar manter o critério sensato quando fatos e beligerâncias secundárias, porque contra-

Uma complexa interação que molda dois sistemas político-democráticos...

Ramiro FERREIRA DE FREITAS

produtores, ameaçam o autodeterminar e insinuam confusão ou intromissão nos âmbitos internos discricionários de cada território livre.

Somente a liberdade dirigida com pulso sensível, humanizado e democrático conduz ao melhor aproveitamento das oportunidades de mútua satisfação e prática sagração do bem-estar tão sonhado pelos fundadores das pátrias brasileira e mexicana.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTIQUERA, Daniel, “México e Brasil: dois extremos de uma ideia”, in: *Revista mediações*, vol. 10, núm. 2, jul-dez, 2005.
- ALKMIN, Fábio Márcio, *Por uma geografia da autonomia: a experiência de autonomia territorial zapatista em Chiapas, México*, Dissertação Mestrado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- BATISTA, Jorge Chami, “Relações comerciais entre o Brasil e o México”, in: *Textos para discussão*, num. 710, Brasília/Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2000. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0710.pdf>. (21 agosto 2018)
- BOBBIO, Norberto, *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo, *La democracia en México*, México, Ediciones Era, 1975.
- CASSIRER, Ernst, *El mito del estado*, México, Fondo de Cultura Económica, 2004.
- CASTELLO BRANCO, Marta de, *Brasil e México: duas experiências de ajuste estrutural*, Rio de Janeiro, PMPE/IPEA, 1993.

- CASTRO, Hugo Agra de, *Brasil e México no período da política externa independente*, Artigo Especialização em Relações Internacionais, Brasília, Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11354/1/2015_HugoAgradeCastro.pdf>. (12 agosto 2018)
- FLORES, Rafael, “México em el mundo: hacia un nuevo proyecto de nación”, in: *Política exterior*, vol. 32, num. 184, 2018. Disponível em: <<https://www.politicaexterior.com/articulos/politica-exterior/mexico-mundo-hacia-nuevo-proyecto-nacion/>>. (28 agosto 2018)
- GILDO DE LA CRUZ, María Gabriela y MILANI, Carlos R. S. (orgs), *A política mundial contemporânea: atores e agendas na perspectiva do Brasil e do México*, Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1025/1/a%20politica%20mundial%20contemporanea.pdf>>. (20 agosto 2018)
- HONNETH, Axel, *El derecho de la libertad: esbozo de una eticidad democrática*, Madrid, Katz Editores/Clave Intelectual, 2014.
- KELSEN, Hans, *A democracia*, São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- LAVALLE, Adrian Gurza y VERA, Ernesto Isunza, “Arquitetura da participação e controles democráticos no Brasil e no México”, in: *Novos estudos CEBRAP*, num. 92, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n92/n92a07.pdf>> (20 agosto 2018)
- LÓPEZ, María de los Ángeles Olivera y MENDOZA, Sandra Luz Hernández, “México y Brasil como una forma de crecimiento en las últimas décadas (período 1990-2014)”, in: *Observatorio de la economía latinoamericana*, 2018. Disponível em: <<https://www.eumed.net/rev/oel/2018/08/mexico-brasil-crecimiento.html>>. (28 agosto 2018)
- MAXIMILIANO, Imperador do México, *Recuerdos de mi vida: memorias de Maximiliano*, México, F. Escalante, 1869.

- PALACIOS, Guillermo, *Intimidades, conflitos e reconciliações: México e Brasil (1822-1993)*, México/São Paulo: Secretaria de Relaciones Exteriores/Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- PEÑA, Luis Medina, *Hacia el nuevo estado: México, 1920-1993*, México, Fondo de Cultura Económica, 1994.
- VÁZQUEZ, Israel Molina, “Gobernanza y democracia en el México actual, asignaturas pendientes para consolidar una cultura de legalidad y de participación en el marco de la nueva gestión pública”, in: *Revista caribeña de ciencias sociales*, jun/2018. Disponível em: <<https://www.eumed.net/rev/caribe/2018/06/gobernanza-democracia-mexico.html>> (19 Julho 2018)
- SCHWARCZ, Lilia Mortiz, *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

